

# ANGELA CARTER COMO TRADUTORA: CONFLUÊNCIAS ENTRE CRIAÇÃO LITERÁRIA E TRADUÇÃO LITERÁRIA

Bruna Montes Werneck de FREITAS\*

- **RESUMO:** O presente artigo busca analisar o fazer tradutório na poesia a partir da produção literária de Angela Carter enquanto tradutora. Ela foi uma notória autora britânica, conhecida mais por seus romances e suas reescritas de contos de fadas, além de seus trabalhos relacionados à ficção científica. Para este artigo, tendo por base o livro *Unicorn: the poetry of Angela Carter* (2015) e a partir das teorias de tradução de Lefevere (1975, 1992, 2003), propomos um exercício tradutório do inglês para o português brasileiro de um excerto do poema homônimo “Unicorn”, de Carter. Nesse sentido, buscamos entender como criação literária e tradução literária se fazem presentes na obra de Carter enquanto artista da palavra.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Angela Carter. Poesia. Tradução poética. Autoria feminina. Crítica literária feminista.

## O fazer tradutório na poesia: breve introdução

Walter Benjamin (2008, p. 26), em seu livro *A tarefa do tradutor*, define que a tradução é, em primeiro lugar, uma forma: “[...] concebê-la como tal significa antes de tudo o regresso ao original em que ao fim e ao cabo se encontra afinal a lei que determina e contém a ‘traduzibilidade’ da obra”. Tendo como ponto de partida a tradução como forma, o campo dos estudos da tradução nos revela, *a priori*, o pensar a tradução e o tradutor, o fazer tradutório enquanto forma e atividade, pedindo para que se tenha e se mantenha um olhar atento sem limitá-la à ideia única de que se trata de uma simples sobreposição de línguas a partir de uma mecânica substituição de palavras.

Desde o seu estabelecimento enquanto disciplina, os Estudos Tradutórios propuseram e continuam propondo pontes para debater a tradução e o papel do

---

\* Doutoranda em Letras: Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários. Juiz de Fora, MG, Brasil – bruna.werneck@letras.ufjf.br.

tradutor, abrindo possibilidades de estudos complementares nos campos da análise comparativa, da escrita criativa e da crítica literária, por exemplo. Além de influenciarem fortemente diversas linhas de pesquisa no campo dos estudos literários em relação ao fazer tradutório, o modo como a tradução foi tratada na academia com o passar dos séculos influenciou fortemente seu lugar e a determinação de sua importância no campo educacional.

No século XX, por exemplo, os sistemas educacionais passaram a incluir as traduções nas aulas das universidades, gerando visibilidade para elas, mas não olharam da mesma forma para o estudo dos processos que culminavam naquelas traduções, o que ficou sem lugar naquele momento (BASSNETT, 2002). Por isso, muitos estudantes, em países como os Estados Unidos e a Inglaterra, liam autores gregos e latinos traduzidos. Além disso, estudavam a prosa do século XIX ou o teatro do século XX enquanto tratavam o texto traduzido como se ele tivesse sido escrito em sua língua materna. Em razão do pouco prestígio na tradição acadêmica e do baixo *status* dos estudos da tradução nessa época, muitos acadêmicos rejeitaram, do mesmo modo, a tradução feita cientificamente.

Teóricas e teóricos da tradução daquela época – Ezra Pound, Walter Benjamin, Roman Jakobson, Katharina Reiss e Aniela Zagórska – nortearam algumas das correntes de estudos vigentes em diferentes momentos no decorrer do século. Pound, por exemplo, tinha como enfoque reproduzir o texto tanto lexical quanto foneticamente, vendo a tradução como criação de uma obra original; já Benjamin, por outro lado, defendia que a tradução não carregava somente a mensagem, mas também o valor dado a essa mensagem ao longo dos anos e, além de trabalhar os aspectos de estrangeirização e domesticação textual, propunha que a tradução prolongava a vida do original, mas não o substituía. Por fim, foi Jakobson quem propôs, no meio do século, os três tipos de tradução mais conhecidos atualmente: a intralingual, a interlingual e a intersemiótica. Em seu ensaio “Aspectos linguísticos da tradução” (1959), Roman Jakobson defende a ideia de que a predominância da função poética poderia levar à intraduzibilidade e à necessidade de recriar em vez de, propriamente, traduzir.

A mudança de olhar sobre o que era a tradução, até então vista como mera substituição de palavras de uma língua para a outra, era percebida como algo bastante impactante por outros teóricos, como Jorge Luis Borges e André Lefevere. Borges traduziu inúmeros autores e usou a tradução para transformar sutilmente todas as obras, defendendo que a tradução pode melhorar o original, mas também ser infiel a ele; também argumentava que versões distintas e até mesmo potencialmente contraditórias da mesma obra poderiam ser igualmente válidas. Já Lefevere, ao haver trabalhado com os conceitos de “reescritura”, “sistema” e “patronagem”, propôs um olhar mais atento à tradução dentro do aspecto político das instituições, defendendo que, para muitos, a tradução servirá como reescritura, uma vez que o tradutor, sendo reescritor, manipula imagens

para os leitores de acordo com o sistema em que este está inserido (LEFEVERE, 1992).

Quando adentramos mais propriamente o campo da tradução poética, já que o texto selecionado (a ser comentado adiante) para este artigo é um poema, será em Lefevere que encontraremos a chave de leitura para nossas questões. Em *Translation History Culture*, livro que faz parte de uma série de outros que refletem sobre a abrangência do trabalho acerca dos estudos tradutórios, Lefevere (2003) se debruça sobre conceitos relacionados tanto aos Estudos da Tradução quanto aos Estudos Culturais, especialmente no que tange à questão da ideologia. É o teórico quem organiza e/ou edita o livro, focando principalmente nos conceitos de “reescrita” e “manipulação”.

No livro, de maneira geral, os textos ou trechos selecionados traduzidos discutem a tradução tocando em uma ampla variedade de outros tópicos, levando em conta especificidades de outros teóricos comentados por Lefevere. No capítulo cujo eixo temático é a poesia, Lefevere seleciona alguns tradutores e teóricos da tradução para ilustrar relações entre tradução, história e cultura. Nesse capítulo, intitulado “Poética”, Lefevere usa textos e trechos que ilustram a relação entre o fazer poético e o fazer tradutório, defendendo que “[...] os compromissos que os tradutores encontram entre a poética do original e a poética de sua cultura fornecem percepções fascinantes sobre o processo de aculturação e evidências incontestáveis da extensão do poder de uma dada poética” (LEFEVERE, 2003, p. 26).

Ao contrário de Jakobson, cuja afirmação – citada anteriormente – era a de que a função poética num texto poderia levar à intraduzibilidade, forçando o tradutor a uma recriação e não uma tradução, Lefevere adiciona camadas ao fazer tradutório em um nível de leitura que envolve não só os aspectos linguísticos, mas também os históricos e culturais, pois “[...] os tradutores não raramente usam suas traduções para influenciar a evolução da poética de seu tempo” (Ibid., p. 26).

No livro *Translating poetry: seven strategies and a blueprint*, Lefevere (1975) investiga a fundo as questões relacionadas à poética, uma vez que observa não somente os problemas e as possibilidades na tradução poética, mas também propõe uma espécie de método para fazê-lo. Para elaborar as sete estratégias – como nos adianta o título do livro –, Lefevere propôs a análise de uma produção de Catulo e, a partir dela, desenvolveu seu método para a tradução de poesia. Em suma, essas estratégias propostas por Lefevere (1975) são definidas como “tradução fonêmica”, “tradução literal”, “tradução métrica”, “tradução da poesia para a prosa”, “tradução rimada”, “tradução em versos brancos” e “tradução interpretativa”. Para além de uma hierarquia da “melhor” estratégia, o teórico afirma que a tradução preferencial será sempre aquela que impactará os leitores na língua-alvo da mesma forma que impactaria os leitores na língua-fonte.

Com a publicação de seu método para a tradução de poesia, a contribuição de Lefevere para o campo dos Estudos da Tradução se consolida e se torna muito

importante. Outrossim, as sete estratégias demonstram que sua abordagem é, na verdade, bastante pragmática para as questões tradutórias na poesia, uma vez que podem ser adotadas e aplicadas como método tradutório nessa esfera tão complexa para os tradutores.

Tendo como base as teorias apresentadas até aqui, sobretudo as de Lefevere (1975, 1992, 2003) e o conceito de “reescrita” como chave de leitura, propomos, a seguir, uma discussão a respeito de como a autora e poeta britânica Angela Carter traduzia e se comportava em relação à tradução. Buscamos comentar as escolhas tradutórias da autora e propor um curto exercício tradutório, aplicando as mesmas estratégias usadas pela Carter tradutora na Carter poeta, tendo como língua-alvo o português brasileiro.

### **Angela Carter: poeta e escritora; “reescritora” e/ou tradutora?**

A obra da escritora inglesa Angela Carter, nascida em 1940 e falecida em 1992, perpassa uma variedade eclética de temas e influências que vão do gótico fantástico, dos contos de fadas tradicionais, da literatura medieval francesa e clássica até o Surrealismo e o cinema de Fellini e Godard. Carter é conhecida pela quebra de tabus e por colocar a mulher no controle de sua própria narrativa. Além disso, foi selecionada como uma das escritoras britânicas que compõe a lista do jornal *The Times*, de 2008, dos 50 maiores escritores britânicos desde 1945 (NOGUEIRA, 2019).

Ainda pouco conhecida no sistema literário brasileiro, é só mais recentemente que temos a publicação de seus contos de *The bloody chamber and other stories*, sua obra mais famosa, em edições distintas de apenas duas editoras no Brasil. A edição mais recente de *A câmara sangrenta e outras histórias* foi a publicada pelo clube de livros TAG em parceria com a editora Dublinense, em um projeto editorial composto apenas por mulheres.

Anna Olga Prudente de Oliveira é, no Brasil, uma das pesquisadoras que produz grande parte da fortuna crítica dos estudos sobre Angela Carter, sobretudo em Estudos de Tradução e reescrita. É a partir de sua análise proposta no artigo “Da tradução à criação literária: os contos de fadas reescritos por Angela Carter” que discutiremos as questões relativas à (re)escrita autoral de Carter a partir de uma perspectiva feminista, estabelecendo “uma relação inextricável entre tradução e criação literária” (OLIVEIRA, 2021, p. 88).

Ao abordarmos as diversas faces de Angela Carter enquanto artista da palavra, Oliveira nos lembra de que a autora exerce papel central na década de 1970, não só como autora, mas também como tradutora e crítica, editora e reescritora, sobretudo dentro dos *Fairy-tale studies* numa perspectiva feminista. Citando Donald Haase, pesquisador e professor da área, os Estudos de Contos de Fadas inspirados por uma perspectiva feminista

evitam uma visão monolítica do conto de fadas centrado na mulher; permitem uma ambiguidade em relação a contos escritos por mulheres e uma ambivalência em sua recepção; exploram novos textos e contextos; e reconsideram os limites nacionais, culturais e de gênero que moldaram os contos de fadas e com frequência restringiram nossa compreensão sobre os mesmos (HAASE, 2004, não paginado, apud OLIVEIRA, 2021, p. 90).

Para a pesquisadora, Carter esteve à frente dessa cena inicial no campo desses estudos, tendo sido autora de contos que dialogam tanto com o folclórico quanto com o tradicional, além de imprimir “[...] uma radicalidade quanto à perspectiva feminista, rompendo paradigmas de representação de gênero, sem limitar-se, contudo, a agendas ou pautas específicas do movimento feminista de sua época” (OLIVEIRA, 2021, p. 90). Carter, portanto, não rejeitaria os contos de fadas por conta das ideias que dialogam com o sexismo ou o machismo neles presentes, mas sim, exploraria, a partir dessas ideias – e estudaria, de forma profunda –, a complexidade com a qual era possível concebê-los e reescrevê-los, tomando o cerne da história como ponto de partida para o começo de outras:

Em um projeto feminista de “desmitificação” [...], em que revisita o passado cultural e literário acrescentando sua perspectiva do presente, Carter nos abre portas para imaginarmos: e se a menina do capuz vermelho quisesse conhecer o lobo, em vez de temê-lo? E se Barba Azul fosse um esteta, colecionador de arte (e de mulheres-objeto-de-arte), e não somente um assassino em série? (Ibid., p. 90).

É nesse sentido que Carter abre “[...] as portas fechadas pelo patriarcado e das ideias preconcebidas” (Ibid., p. 91), a partir de uma leitura tradutora que tanto traduz quanto cria o novo a partir da tradução, sendo essa uma leitura tradutora que se repete em suas traduções e em suas (re)escritas e (re)criações, o que também colabora para caracterizar a obra de Carter como “multidimensional”. Ainda segundo Oliveira (2021), Carter mobiliza a ficção como forma de trabalhar ideias e desenvolver argumentos. Uma das metáforas que a autora usa para pensar a sua atividade literária é a da leitura enquanto atividade criativa, o que coloca em perspectiva a importância do leitor dentro do processo criativo. Para Carter, há a compreensão de que a leitura é também atividade criativa, assim como a escrita vai alçar, ao mesmo tempo, “[...] o processo de leitura e de tradução, enquanto leitura privilegiada, ao patamar da escrita” (Ibid., p. 92).

A defesa de Carter vai mais adiante: além de a leitura ser atividade tão criativa quanto a escrita, grande parte do desenvolvimento intelectual do autor vai depender de novas leituras de textos antigos. Essa afirmação de Carter vai ao encontro do que ela mesma propõe enquanto escritora quando afirma que tal processo é como “[...]”

colocar vinho novo em garrafas velhas” (GAMBLE, 1997, p. 37, apud OLIVEIRA, 2021, p. 92).

É nesse sentido que Carter propõe a tradução dos contos de Perrault – um dos seus trabalhos mais conhecidos –, pois, ao compreendê-lo como cronista de seu tempo, Carter complexifica a leitura de sua obra sem rechaçar os contos de fadas como “datados”, mas vendo-os como possibilidade para que seu público leitor conheça, a partir de sua tradução e criação, as peculiaridades dos contos de fadas franceses do século XVII; ao mesmo tempo, tais traduções influenciariam a poética do seu tempo (LEFEVERE, 2003):

Assim, as alterações realizadas por Carter em sua tradução, e as histórias criadas em sua reescrita autoral podem ser compreendidas como um diálogo com o autor do século XVII, em um processo de assimilação e transformação, sendo a tradução a própria base que possibilita a reescrita (OLIVEIRA, 2021, p. 99).

No desenvolvimento do artigo, Oliveira discorre em detalhes sobre a postura tradutória de Carter em relação aos contos de Perrault. Neste artigo, nos interessa comentar brevemente um trecho específico que demonstra não só os recursos mobilizados por Carter, mas também a mudança no sistema de versos para o de prosa. Os grifos são da pesquisadora, e os excertos encontram-se nas páginas 102-103 do texto (OLIVEIRA, 2021):

#### MORALITÉ

*La curiosité malgré tous ses attraits,  
Coûte souvent bien des regrets;  
On en voit tous les jours mille exemples paraître.  
**C'est, n'en déplaise au sexe, un plaisir bien léger;**  
Dès qu'on le prend il cesse d'être,  
Et toujours il coûte trop cher.*  
(PERRAULT, 2013, p. 154, grifos nossos)

#### MORAL

A curiosidade, com seu deslumbramento,  
Causa muito arrependimento;  
Há mil exemplos, todos os dias, a aparecer.  
**É, que a mulher me perdoe, um prazer tão raro**  
Que, satisfeito, deixa de ser  
E sempre custa muito caro.  
(PERRAULT, 2015, “O barba azul”, p. 16, grifos nossos)

## MORAL

*Curiosity is a charming passion but may only be satisfied at the price of a thousand regrets; one sees around one a thousand examples of this sad truth every day. Curiosity is the most fleeting of pleasures; the moment it is satisfied, it ceases to exist and always proves very, very expensive.*

(PERRAULT, 2008, p. 10, grifos nossos).

## MORAL

A curiosidade é uma paixão encantadora que só pode ser saciada às custas de muitos arrependimentos; a gente vê à nossa volta mil exemplos dessa triste verdade todos os dias. **A curiosidade é o prazer mais transitório**; e, assim que é saciada, desaparece por um preço muito, muito alto a se pagar” (PERRAULT, 2008, p. 10, grifos e tradução nossos).

Como podemos observar nos trechos acima, Carter tira toda e qualquer possibilidade de uma leitura atravessada pela referência à mulher dentro de uma chave sexista na interpretação – ainda que Perrault estivesse fazendo uma crítica aos costumes, tal leitura e interpretação ainda é cabível. Além disso, em sua tradução, não há nenhuma referência ao sexo ou gênero feminino e nem à punição da mulher por conta de sua curiosidade, mas sim, uma proposta em apresentar a curiosidade em si mesma. Dessa forma, Carter consegue explorar, no seu tempo e para ele, as potencialidades existentes na obra de Perrault.

### “Unicorn”, de Angela Carter, como exercício tradutório

Recentemente, em 2015, a historiadora e crítica literária britânica Rosemary Hill coletou e organizou as publicações em verso de Carter no intervalo entre 1963 e 1971 para a publicação de uma nova edição de seu livro de poemas, o que resulta na ampliação do original de 1966. O grande objetivo dessa nova edição dos poemas de Angela Carter era divulgar, no meio literário contemporâneo, a breve carreira da autora na poesia enquanto jovem estudante na Universidade de Bristol.

A maior parte da poesia de Carter foi escrita na década de 1960 e, apesar de a autora ter escrito alguns poemas na de 1970, suas publicações em verso foram diminuindo gradativamente a partir dessa década. A historiadora acredita que, uma vez que Carter começou a se dedicar a romances, contos e peças de teatro, possivelmente tinha mais espaço, na prosa, para estimular sua imaginação (HILL, 2015, não paginado). Para ela, Carter tinha uma habilidade singular para (re)trabalhar

histórias e personagens que já existiam, tendo sido a poesia uma espécie de lugar para começar a experimentar sua força enquanto escritora.

Em *Unicorn: the poetry of Angela Carter* (2015), há a presença de uma imagética de violência e sexualidade. Igualmente, temos, na composição desse volume, os poemas de Carter e o ensaio crítico da própria Hill sobre a produção poética da autora. Em sua análise, Hill leva em conta os poemas no contexto de outros trabalhos da autora, além de como um elemento da década de 1960. Hill também acredita que os poemas de Carter eram uma forma que ela escolhia como estudo de sua própria escrita, uma vez que ela retrabalhava os versos de outros poetas de forma livre e em sua perspectiva própria.

O trecho que selecionamos para traduzir é do poema homônimo ao livro, “*Unicorn*”. O poema trata do encontro entre uma jovem virgem e um unicórnio em uma floresta. Em uma das lendas mais conhecidas sobre virgens e unicórnios, conta-se que não é possível nenhum caçador achá-los ou pegá-los, pois unicórnios aparecem somente quando uma virgem, em sua pureza simbólica, os atrai até ela. No entanto, na visão de Angela Carter a respeito desse mito, o encontro entre virgem e unicórnio, na medida em que se lê o poema, mostra-se como encontro sexual.

Neste artigo, a análise a respeito do conteúdo do poema é relevante apenas para fins de contextualização. Em outra oportunidade, pretendemos analisar como a tradução e a interpretação do poema traduzido se aproximam e se distanciam. Para realizarmos a tradução, basta saber que, na primeira parte do poema, intitulada “a) *The Unicorn*”, a voz no poema nos apresenta o unicórnio:

a) *The Unicorn*

*As with the night-scented stock, the full splendour of the unicorn manifests itself most potently at twilight. Then the horn sprouts, swells, blooms in all its glory.*

SEE THE HORN

*(bend the tab, slit in slot marked ‘x’)*

SEE THE HORN SEE THE HORN SEE THE HORN

*(running through ripping the bulging belly of the dark)*

*Q. What have unicorns and virgins got in common?*

*A. They are both fabulous beasts.*

[...]

(CARTER, 2015, não paginado, grifos no original)

a) O Unicórnio

Tal como os bichos de aroma noturno, o unicórnio só revela seu esplendor em máxima forma na potência crepuscular. Depois brota, floresce, cresce e incha em toda a sua glória.

OLHA O GALHO

(dobre a ponta, fenda na fresta onde marca um ‘x’)

OLHA O GALHO OLHA O GALHO OLHA O GALHO

(correndo enquanto resvala o volume no escuro)

P. O que unicórnios e virgens têm em comum?

R. Ambos são feras fabulosas.

[...]

(CARTER, 2015, não paginado, grifos e tradução nossos)

Ao longo do exercício tradutório, buscou-se tanto uma tradução próxima da estrutura do texto em inglês quanto da manutenção da ambiguidade sexual presente no texto. Além disso, levando em conta a fluência na língua-alvo, prezou-se pela aproximação interpretativa entre as duas línguas, buscando gerar um sentido ambíguo, de tom erótico, no trecho escolhido. Como não há, ainda, nenhuma tradução desse poema em português brasileiro publicada oficialmente, não houve consulta a nenhuma tradução prévia existente.

A escolha por uma tradução métrica e interpretativa (LEFEVERE, 1975) concentrou-se em apresentar um resultado pouco distorcido do sentido geral do texto. Na interpretação, a imitação por um tom erótico, tal qual é percebido de forma metafórica no texto da língua-fonte, faz com que o tema se expresse de formas variadas e se torne familiar para leitores que não estejam ainda preparados para uma visão original da autora. A proposta equivalente na língua-alvo também considera o contexto contemporâneo da língua e o pouco conhecimento a respeito da autora no sistema literário brasileiro.

Neste brevíssimo exercício tradutório, tentamos representar, dentro do entendimento básico das teorias estudadas, a mentalidade interpretativa de uma leitora da poesia de Angela Carter como uma das variadas possibilidades de tradução deste trecho do poema.

Constatamos, por fim, que há um repertório de oportunidades para tratarmos sobre o erotismo e a construção do feminino nos poemas de Angela Carter a partir da tradução de seus poemas presentes no livro *Unicorn: the poetry of Angela Carter* (2015).

## **Considerações finais**

Nas limitações deste artigo, buscou-se abordar os caminhos percorridos por Angela Carter na relação intrínseca que a autora mantinha entre tradução e criação literária em sua obra. A partir da análise da pesquisadora Oliveira (2021), através dos estudos descritivos da tradução, isto é, voltado para como as culturas estão em contato nos universos de sentido que permeiam o texto, propusemos aplicar brevemente, no excerto estudado acima, a mentalidade de Angela Carter ao traduzir Perrault para traduzirmos a ela mesma. Nesse brevíssimo exercício tradutório, pretendemos não só observar como ela entendia a escrita, mas também como compreendia a tradução e a reescrita.

Levefere (2003) nos lembra de que há questões poetológicas e estéticas muito complexas na tradução de poemas, havendo riscos a serem corridos nesse sentido. No entanto, os riscos vinculados ao processo tradutório também se vinculam aos processos do tradutor, uma vez que influenciam também o campo literário. Questionamentos relacionados a esses riscos poderiam ser os de uma escritora posicionada como tradutora ou vice-versa: como isso será lido pela crítica e pelos leitores e que tipo de liberdades serão consideradas “exageradas” nesse sentido? Como uma escritora será julgada como tradutora e como uma tradutora será julgada como escritora?

Angela Carter escreve, para seu público, histórias muito preocupadas com as questões de gênero que, por consequência, evocam uma preocupação feminista. Além dessa preocupação política em seus textos e levando em consideração a discussão a respeito do artigo de Oliveira (2021), foi possível notar que Carter entendia o processo de tradução como reescrita, o que nos faz conceber e considerar sua obra não somente através de sua face enquanto escritora, mas também como tradutora atenta à história e à cultura de sua época.

Por fim, nossas primeiras conclusões são as de que, dentro das confluências criativas de Angela Carter tradutora e Angela Carter escritora, há algo de bastante positivo na forma como ela, a partir de sua poesia, alimenta sua prosa; e, a partir da sua prosa, alimenta sua poesia. No caso de Carter tradutora, enxergar como podemos pensar a tradução alimentando a escrita e a escrita alimentando a tradução é mais do que subversivo: é entender o contraponto entre repetição e diferença, pois “[...] tal processo é uma forma de criação literária, uma poética translacional, em que estão interligadas a tradução e a recriação” (OLIVEIRA, 2021, p. 107).

FREITAS, B. M. W. Angela Carter as a translator: confluences between literary creation and literary translation. **Itinerários**, Araraquara, n. 55, p. 61-72, jul./dez. 2022.

- **ABSTRACT:** *This article aims to analyze the translation process in poetry considering the works of Angela Carter as a translator. Carter was a noted British author, best known for her novels and rewrites of fairy tales, and for her works related to science fiction. For this article, by using the book Unicorn: the poetry of Angela Carter (2015) and based on Lefevere's theories of translation (1975, 1992, 2003) we propose a translation exercise from English into Brazilian Portuguese of an excerpt from her poem – namesake – titled “Unicorn”. In this sense, we seek to understand how literary creation and literary translation are presented in Carter's work as a wordsmith – an artist of the word.*
- **KEYWORDS:** *Angela Carter. Poetry. Poetry translation. Female authorship. Feminist literary criticism.*

## REFERÊNCIAS

- BAKER, Mona et al. **Routledge encyclopedia of translation studies**. London; New York: Routledge, 1998.
- BASSNETT, Susan. **Translation studies**. London; New York: Routledge, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor: quatro traduções para o português**. Tradução de Fernando Camacho. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008.
- CARTER, Angela. **Angela Carter: the official website – poetry**, 2020. Disponível em: <https://www.angelacarter.co.uk/category/poetry/>. Acesso em: 13 out. 2021.
- CARTER, Angela. Angela Carter. **The British Library: people – all discovering literature: 20th century people**. Disponível em: <https://www.bl.uk/people/angela-carter>. Acesso em: 13 out. 2021.
- CARTER, Angela. **Unicorn: the poetry of Angela Carter**. London: Profile Books, 2015.
- GAMBLE, Sarah. **Angela Carter: writing from the front line**. Edinburgh: Edinburgh UP, 1997.
- GUERINI, Andréia et al. **Os estudos de tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.
- JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010. p. 79-91.
- LEFEVERE, André. **Translation history culture**. London; New York: Routledge, 2003.
- LEFEVERE, André. **Translation, rewriting and the manipulation of literary fame**. London; New York: Routledge, 1992.

LEFEVERE, André. **Translating poetry**: seven strategies and a blueprint. Assen: Van Gorcum, 1975.

NOGUEIRA, Nícea Helena de Almeida; SILVA, Fernanda Barroso e. A subversão da personagem feminina em *The bloody chamber and other stories*, de Angela Carter. **Acta scientiarum**: language and culture, Maringá, v. 41, n. 2, p. 1-10, 2019.

OLIVEIRA, Anna Olga Prudente de. Da tradução à criação literária: os contos de fadas reescritos por Angela Carter. **Tradução em revista**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 31, p. 88-110, 2021.

